CRÍTICA TEATRO | BOCA DE OURO

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Cláudia Ribeiro/Divulgação



Tuca Andrada desenha o protagonista com aspereza, carisma e força

Assim é, se lhe parece

Parido por uma mãe pândega num reservado de gafieira, relegado à condição de excremento, "Boca de Ouro", de Nelson Rodrigues, almejou transformar sua ferida inaugural, transmutando fezes em ouro, dor em potência. Diante da degradação, miserável e revoltado contra a condição humana, determina o caminho da força desmesurada para alcançar a invulnerabilidade a que aspira.

Aclamado como o "Drácula de Madureira", a personagem é um bicheiro, déspota incansável, através do qual o maior dramaturgo brasileiro subverte, mais uma vez, a estrutura dramática, rompendo com a linearidade narrativa e a composição de uma verdade subjetiva na trama.

O autor ainda fabula uma ambiguidade para o protagonista, onde o público não detecta exatamente quem ele é. A peça esfacela a ordem cronológica tradicional e retrocede à um passado que pode ser forjado. Após ser assassinado, a história ganha contornos obscuros em versões distintas reveladas por uma ex-amante, que se rende à imprensa sensacionalista.

A direção ritualística de Sérgio Módena é um acerto. Dispõe seus atores para assistirem à encenação, além de instituir um ballet com aquelas bandejas de necrotério na cenografia de Aurora dos Campos, que auxilia a vigorosidade cênica, fomentando uma dinâmica repleta de beleza.

Equaliza seu elenco, aplicando uma embocadura de época. Marcas de apoiar seus intérpretes por cima do cadáver, como a que D.Guigi serve o café sobre o corpo de Leleco, são perfeitamente patéticas. Há uma plasticidade fúnebre e poética, além de um ritmo adequado, pelos quais somos fisgados todo o tempo.

Ótimo ator, Tuca Andrada desenha o protagonista com aspereza, carisma e força. Joga propositadamente, por vezes, seu texto fora, com nuances de humor ácido, sem perder o controle técnico. Mara Clara Aquino é uma grata surpresa, na medida que compreende as facetas de sua Celeste. Concentrada e com uma teatralidade pungente, explora seu corpo e se abrilhanta sustentada por um timbre vocal aprazível. Ana Velloso, como dona Guigui, emprega rompantes, através dos quais reverbera divertimento e estranheza concomitantemente, enriquecendo as cenas. Gustavo Wabner trafega seu Leleco por emoções distintas, abrindo e fechando o espetáculo com determinação. Seguro, Antônio Gonzales delineia corporeidade factível, iluminando a submissão de seu Agenor. Jessé Scarpellini tira bom proveito do jornalista e, Cássia Sanches fulgura elegância e sabedoria, amparados por oportuna preparação corporal de Toni Rodrigues.

Karen Brusttolin investe na memória ao fundamentar seu figurino na cor sépia, enquanto Tomás Ribas já mostra a que veio assim que deflagra cor quente no consultório dentário, expondo luminárias e ruas que potencializam a dramaticidade. A direção musical de Guilherme Gila imprime um tom melodramático à obra.

O dramaturgo italiano Luigi Pirandello já se debruçou sobre a ideia, e Nelson Rodrigues nos aproxima de um mundo onde a verdade se apresenta enigmática.

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Dalton Valério/Divulgação



Instagram como oráculo

O espetáculo "O Extermínio da Cegonha", com dramaturgia de Pedro Uchoa, usa a estrutura das tragédias gregas clássicas para falar de agora: Samuel, torcedor solitário numa noite de véspera de feriado, dá uma olhada na rede social e encontra a namorada da adolescência — e o Instagram age como um oráculo. Com Higor Campagnaro em cena, o espetáculo mede a solidão de quem vive hiperconectado. É a última semana no teatro do Espaço Cultural Sérgio Porto, no Humaíta. A temporada se encerra neste domingo (15).

Wilmar Carvalho/Divulgação



Criatura recusa o criador

"Frankenstein" e "Frankinh@ — uma história em pedacinhos", do Coletivo Gompa, trazem a autora britânica Mary Shelley (1797-1851) em duas versões, com direção de Camila Bauer, premiada com o Shell, no CCBB Rio até 15/11. Na montagem adulta, a criatura ganha corpo feminino e recusa a submissão ao criador — leitura decolonial da formação da sociedade brasileira. Na infantil (foto), Victor cria uma companhia para si e descobre que a criatura tem vontade própria. Ingressos: R$ 30 (inteira) e R$ 15 (meia).

Divulgação



Segredos desenterrados

"O Formigueiro", texto de estreia de Thiago Marinho como autor solo, nasce da convivência com a avó em estágio avançado de Alzheimer. Numa tarde única, três irmãos se reencontram no almoço de aniversário da mãe, Gilda, quando chega de surpresa o cunhado, envolvido em escândalo de corrupção. O reencontro familiar desperta traumas, disputas e um segredo guardado por décadas vem à tona. Supervisão e direção de João Fonseca. Sessão única no Teatro da Ilha, na Ilha do Governador, neste domingo (15), às 19h